

# Uma lembrança de infância: os “fósseis colossais” e o papel de Frederico Leopoldo César Burlamaque como paleontólogo brasileiro

---

Antonio Carlos Sequeira Fernandes \*

Cecilia de Oliveira Ewbank #

Marina Jardim e Silva §

Deise Dias Rêgo Henriques ¶

---

**Resumo:** No decorrer de suas primeiras décadas de formação, o Museu Nacional do Rio de Janeiro carecia de produtos naturais, inclusive fósseis, resultando em coleções com número reduzido de exemplares, principalmente nacionais. A situação do acervo paleontológico somente começou a modificar-se a partir de 1847 quando Frederico Leopoldo César Burlamaque, empossado diretor do museu, formaria um rico acervo representativo da paleontologia do Nordeste brasileiro graças à correspondência com os representantes das distintas províncias nacionais, e também de outros países, em que solicitava a remessa de material fóssilífero para a instituição. A incansável atuação de Burlamaque na formação desse acervo, somado ao seu grande interesse pelos fósseis, o levou a publicar o primeiro artigo em um periódico nacional sobre a megafauna pleistocênica do Brasil. Por esses motivos e seu incentivo ao estudo da paleontologia no país, Burlamaque pode ser considerado como o primeiro paleontólogo brasileiro.

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: fernande@acd.ufrj.br e acsfernandes@pq.cnpq.br

# Estudante do curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 296, Urca, CEP 22290-240, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. E-mail: oe.cecilia@gmail.com

§ Estudante do curso de Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Largo São Francisco de Paula, 1, CEP 20290-240, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFRJ. E-mail: marina.jardim@yahoo.com.br

¶ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: deiseh@acd.ufrj.br

**Palavras-chave:** Burlamaque, Frederico Leopoldo César; Coleções paleontológicas; Museu Nacional

### **A childhood memory: the “colossal fossils” and the role of Frederico Leopoldo César Burlamaque as a Brazilian paleontologist**

**Abstract:** During its first two decades of existence, the Museu Nacional at Rio de Janeiro lacked natural artifacts, including fossils, which resulted in a reduced number of specimens, mainly Brazilian ones. From 1847 on, after Frederico Leopoldo César Burlamaque being nominated as the director of this scientific institution, the situation of the paleontological collection began to change with lots of fairly representative material from Northeast Brazil being gathered. This was accomplished by exchanging letters with Brazilian provincial representatives and foreigners, in which he asked for sending fossils to his institution. His effort in setting up this collection, together with his great interest in fossils, led him to publish the first manuscript in a Brazilian journal on the Pleistocene megafauna of Brazil. For all these reasons and for encouraging paleontological studies in Brazil, Burlamaque can be considered as the first Brazilian paleontologist.

**Key words:** Burlamaque, Frederico Leopoldo César; Paleontological collections; Museu Nacional

## **1 DA ORIGEM LUSA À CARREIRA NO BRASIL**

Filho do tenente Carlos César Burlamaque (1775-1844) e de Dorotéia Adelaide Ernesta Pedegache da Silveira (1761-?), ambos portugueses, Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque (Figura 1) nasceu em Portugal em 16 de novembro de 1803. Pouco após completar os dois anos de idade, Burlamaque chegou ao Brasil em 1806 por ocasião da nomeação de seu pai a capitão-mor da capitania de São José do Piauí (Blake, 1893).

Frederico Burlamaque aderiu ainda jovem à carreira militar, cujo início coincidiu com a eclosão da Revolução Pernambucana em 1817, quando partiu com os fuzileiros da corte para sufocar a revolta; regressando ao Rio de Janeiro, foi promovido a alferes. Na década seguinte, já graduado tenente, matriculou-se na Escola Militar onde formou-se como engenheiro e, posteriormente, assumiu o cargo de Lente Substituto de Ciências Exatas. Com a introdução das disciplinas de Geologia, Montanística e Metalurgia (Figueirôa, 1997), Burlamaque foi efetivado em 1846 e assumiu a cadeira de Geologia que ocupou até aposentar-se em 1857 (Laemmert & Laemmert, 1857).



**Figura 1.** Frederico Leopoldo César Burlamaque, em retrato a óleo (Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Laureado na década de 1840 para diretor do Museu Nacional e da 3ª seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas da mesma instituição, permaneceu no cargo até seu falecimento em 13 de janeiro de 1866. No mesmo ano, por ocasião da inauguração de seu busto na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, o médico Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894) fez o elogio póstumo a Burlamaque, fonte de referências sobre sua vida e carreira (Moreira, 1866).

## **2 A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE BURLAMAQUE**

Fundado em 1818, o Museu Nacional do Rio de Janeiro adquiriu ao longo dos anos reconhecimento nacional e internacional como um

estabelecimento científico de prestígio. Voltado principalmente para o estudo das ciências naturais, o museu esteve sob a administração de diversos estudiosos, dentre eles Burlamaque, nomeado em 16 de junho de 1847 (Netto, 1870).

Quarto diretor da instituição, ao longo de sua administração Burlamaque deparou-se com diversas lacunas. Deficiente de pesquisadores que pudessem realizar expedições e coletas para enriquecer o acervo do museu, tratou de providenciar a contratação de diversos naturalistas para realizar estas tarefas (Lopes, 1997). Não obstante, as falhas não se resumiam ao quadro de pessoal e diversas reformas foram empreendidas ao longo de sua administração como a transferência do dia das visitas públicas a partir de 1848, a reforma do edifício do museu em 1856 e a fundação da biblioteca em 1863.

Zeloso para com a instrução pública, suas investidas educacionais se estenderam para além do museu. Lente de Geologia na Escola Militar, Burlamaque remeteu à ela uma coleção didática contendo 882 rochas. A Geologia por esta época estava no auge do interesse econômico nacional, tendo inclusive a Comissão de Minas e Bosques da Câmara dos Deputados reclamado ao ‘geólogo’ informações precisas sobre a procedência, origem e utilidade de metais e rochas encontrados em território nacional, tarefa que logrou realizar em pouco mais de um mês (Doc. MN, RA3/D3, 10/02/1850, p.7v/8)<sup>1</sup>.

Além de suas atividades no museu, Burlamaque ocupou outras funções. Foi membro do conselho e secretário perpétuo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional de 1849 a 1853, membro e secretário da comissão organizadora da 1ª Olimpíada da Indústria ocorrida em 1861, secretário do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, diretor do Jardim Botânico de junho de 1861 a agosto de 1862 (Bediaga & Drummond, 2007), onde substituiu a mão-de-obra escrava por trabalhadores remunerados (Lavôr, 1983), membro da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional e secretário da Sociedade contra o Tráfico dos Africanos e Promotora da Civilização

---

<sup>1</sup> Documento primário cuja sigla refere-se a ‘Documento do Museu Nacional, Livro de Registro de Avisos e Ofícios’, sendo os livros identificados pelo período abordado: RA2/D2 (1842-1849), RA3/D3 (1849-1855), RA4/D4 (1855-1861) e RA5/D5 (1861-1869).

e Colonização dos Indígenas, ambas críticas do tráfico, além de colaborar com periódicos de cunho anti-escravista como *O Philantropo* e *O Monarquista* (Kodama, 2008).

Como hábil escritor redigiu diversos artigos e manuais didáticos, sobretudo no *O Auxiliador da Indústria Nacional*, jornal mensal da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, do qual também foi redator. Neste âmbito, Burlamaque contribuiu com artigos de natureza agrícola e outros que refletiam o contexto social da época como *Trabalho livre*, de 1851, onde argumentou sobre o prejuízo econômico causado pelo uso de mão-de-obra escrava. Curiosamente, no seu inventário encontram-se relacionados, entre os poucos bens materiais que possuía, dois escravos, Rufina, “cabinda”, que contava na época 40 anos, e Sebastião, crioulo, que contava então 17 anos (Inventário, 1866). Publicou também artigos nos *Trabalhos da Sociedade Vellosiana*, da qual era sócio efetivo, e em revistas de diversas sociedades (Iglesias & Meneghezzi, 1959), mas foi seu artigo *Notícia acerca dos animais de raças extintas descobertos em vários pontos do Brasil*, publicado em duas partes pela referida sociedade, em 1855 e em 1856, que se constituiu na primeira publicação sobre fósseis brasileiros em um periódico nacional. No texto teceu comentários sobre os primeiros exemplares descobertos em território nacional e descreveu sucintamente alguns fósseis adquiridos pelo museu. A importância desta publicação inédita reforça o papel inovador desempenhado por Burlamaque no estudo da Paleontologia brasileira.

### 3 OS “OSSOS DO OFÍCIO”: BURLAMAQUE E A PALEONTOLOGIA

Crescido nos sertões nordestinos, berço da megafauna pleistocênica brasileira, Burlamaque descobriria cedo o interesse pela paleontologia. Em uma viagem que fez com seu pai à Bahia quando contava apenas oito anos viu pela primeira vez os gigantescos ossos fósseis de um mastodonte. Intrigado pelas proporções incomuns das ossadas, ao lembrar o fato quatro décadas depois descreveu-o de maneira assaz enfática:

Esta descrição me traz a lembrança os fósseis colossais que eu vi quando apenas teria pouco mais de 8 anos. Fiquei tão impressionado ao ver pela primeira vez os restos gigantescos do mundo antigo, que

conservo a mais viva lembrança do lugar e das ossadas fósseis disseminadas pela superfície! Em viagem do Piauí para a Bahia, depois de termos atravessado o Rio de S. Francisco entramos em um vasto vale pantanoso formado por duas montanhas de pouca altura, que acompanhavam quase paralelamente a margem deste rio do lado da última Província: na subida da montanha da esquerda encontramos uma casa rústica sobranceira ao vale, e donde se podia observar muito ao longe. Magnífico espetáculo! No declive da montanha, pelas bordas do pântano, no próprio pântano então quase a seco, jaziam confusamente disseminados um sem número de ossos de gigantescas dimensões! O que porém causava em todos a maior admiração era um crânio que se achava próximo à casa rústica. Este crânio, dividido em duas partes, e inteiramente vazio no seu interior, representava bem uma grande cuba de mármore. Depois de uma calorosa discussão a respeito das dimensões da cavidade crânica, meu pai me fez entrar nesta cavidade. Aos 8 anos de idade eu estava em verdade pouco desenvolvido, porém não poderia ter menos de 4 palmos de altura, e todavia eu pude deitar-me comodamente, quase sem curvar-me, na vasta capacidade do crânio do enorme fóssil! (Burlamaque, 1855, p. 9, nota de rodapé nº 2)

A lembrança deste encontro nada casual ocorrido na infância influenciaria o rumo do seu caminho profissional. Empossado diretor do Museu Nacional em 1847, logo solicitaria algumas mudanças visando o incremento da coleção paleontológica da referida instituição que, àquela altura, se restringia a ínfimos exemplares. Reclamou, portanto, ao governo a autorização de correspondência direta entre o conselho administrativo e os presidentes das províncias do império, incumbindo-os de encaminhar ao museu quaisquer produtos de interesse, sendo ressarcidos do custo da remessa e, também entre esses e os museus europeus quando estes possuísem exemplares que não se encontrassem no acervo da instituição e tampouco poderiam ser adquiridos em território nacional. Neste caso o pagamento seria feito através da troca por duplicatas (Doc. MN, RA2/D2, 28/07/1847, p. 129v-130).

Obstinado em aumentar esta coleção, Burlamaque empreendeu uma verdadeira campanha se comunicando com os presidentes das províncias acerca de descobertas de interesse científico que lhe chegavam ao conhecimento por meio de cartas dos próprios presidentes, ou quando noticiadas nos jornais. Seu zelo era tamanho que, tendo

solicitado ao governo a remessa de alguns fósseis encontrados em determinada província, chegou inclusive a remeter ao seu presidente instruções de pesquisa a fim de obter maiores informações (Doc. MN, RA2/D2, 20/06/1848, p. 152).

Entre 1847 e 1866, período em que esteve à frente da diretoria do museu, foram registrados 27 pedidos e confirmações de remessa de material fossilífero, somando ao todo mais de uma centena de exemplares. A primeira notícia que se tem de fósseis deste período é um ofício datado de 11 de março de 1848. Justificando a importância de exemplares “de animais de raça perdida” para as ciências naturais, Burlamaque reclamou ao imperador a aquisição de uma ossada de mastodonte encontrada na província do Rio Grande do Norte, indicando-lhe inclusive a pessoa que deveria ser contatada para fazer a remessa, um certo “Capitão José Joaquim de tal” (Doc. MN, RA2/D2, 11/03/1848, p. 148v).

Curiosamente, dois meses depois leu um aviso (Doc. MN, RA2/D2, 10/05/1848, p. 150) declarando a inexistência de tal fóssil na província indicada, ao qual se segue outro, expedido dois dias depois, explicando ter ali havido um engano. Desculpando-se ao imperador e rogando-lhe a continuidade da empreitada, esclareceu que o erro deveu-se a uma desatenção na indicação da localidade. Trocando o Rio Grande do Norte pela Paraíba do Norte, o fóssil de mastodonte anteriormente mencionado existia deveras nessa província, tendo sido inclusive classificado como tal por ele próprio a partir de informações que lhe foram enviadas pelo major Bitancourt que diz ter estado pessoalmente na presença de tais ossadas (Doc. MN, RA2/D2, 12/05/1848, p. 150v-151).

Apesar da correção, não foi encontrada nenhuma menção ao recebimento desta ossada no museu. No mês seguinte, conforme ordenado em aviso antecedente, chegou ao museu uma remessa do bacharel João Nepomuceno Machado, juiz da comarca de Própria, na província de Sergipe, contendo “o fragmento de um fêmur, uma vértebra cervical, e uma cabeça de tíbia de um grande animal fóssil” (Doc. MN, RA2/D2, 18/05/1848, p. 151). Tendo encontrado na Casa de Câmara de Sítios Novos, também em Sergipe, uma coleção de mais ou menos 50 fósseis, o bacharel retirou os três exemplares referidos anteriormente com o intuito de oferecê-los ao museu. Contento com o recebimento dos fragmentos e a par da vultuosa coleção que ficara

em Sítios Novos, Burlamaque reclamou contudo a falta do crânio, osso de especial importância por permitir a classificação da espécie. Requisitou, portanto, que esse lhe fosse enviado, acompanhado de uma descrição e amostras de rochas do local onde se fez a descoberta, além dos demais fósseis não remetidos (Doc. MN, RA2/D2, 20/06/1848, p. 152). De fato, alguns meses depois receberia cerca de 30 ossos que, embora fossem bastante diversificados, encontravam-se em sua maioria incompletos provavelmente graças a uma “desova” empreendida pela dita Casa de Câmara. Burlamaque examinou os ossos de Sítios Novos que lhe foram enviados por João Nepomuceno Machado em 1848 e posteriormente os identificou como pertencentes a mastodontes (Burlamaque, 1855; Simpson & Paula Couto, 1957; Dantas, 2008). Surpreendentemente, uma terceira remessa chegaria ao museu 14 anos mais tarde (Doc. MN, RA5/D5, 21/08/1862, p. 29-29v).

Impelido pela urgência de constituir uma coleção mais diversificada de fósseis e aproveitando-se das medidas que fez autorizar no início do seu mandato, Burlamaque encaminhou, em 1848, um ofício ao governo propondo a remessa de fósseis malacológicos do Museu de História Natural de Paris para estudo, tanto seu como dos futuros geólogos do império. Avaliando, contudo, a possibilidade de recusa por parte dos naturalistas parisienses, propôs a troca desse material por conchas, animais e peles de pássaros nativos (Doc. MN, RA2/D2, 27/09/1848, p. 157-157v). Compra ou troca, o fato é que para os anos que se seguiram não consta nos livros de registro do museu nenhuma menção a material fóssilífero proveniente de Paris.

Ansioso, Burlamaque voltou-se para a aquisição de material fóssilífero em território nacional. Valendo-se da política de correspondência direta entre o conselho administrativo da corte e os presidentes das províncias, principalmente as do Nordeste, incrementou consideravelmente o acervo paleontológico do museu.

Como resultado, em 1849, foram encaminhadas ao museu duas levadas de material fóssilífero. A primeira, presente do então ministro da guerra, constituía-se de peixes fósseis provenientes de Pernambuco, enquanto a segunda era composta por um “grande número de mamíferos de raça perdida” descobertos no rio São Francisco e enviada pelo presidente da província de Sergipe, Zacarias de Góes e Vasconcellos (1815-1877), a pedido de Burlamaque (Doc. MN, RA3/D3,



10/02/1850, p. 7v-8). Após esta dupla aquisição, novos fósseis só seriam adquiridos em 1853.

A par de uma matéria publicada nos jornais do Rio de Janeiro sobre a descoberta de um fóssil de *Megatherium* pelo engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld (1797-1873) na cachoeira de Paulo Afonso, no rio São Francisco, Burlamaque requisitou ao responsável pela comarca de Santo Sé, onde se encontrava a ossada, o seu envio ao museu (Doc. MN, RA3/D3, 20/04/1853, p. 91-91v). Apesar dos esforços empreendidos pelo governo, somente parte da ossada, então classificada por Halfeld como de mastodonte, sobreviveu aos estragos e furtos provocados pelos nativos que, ao se depararem com a movimentação oriunda das pesquisas, foram levados a crer no alto valor de tais exemplares (Ferraz, 1854). Halfeld ainda teria descoberto ossadas fósseis em Gremoaço, na província da Bahia, e em Pão de Açúcar, na província de Alagoas. Enquanto as ossadas de Alagoas chegaram de fato ao museu, como consta em Ferraz (1855), não foi encontrada nenhuma menção ao recebimento daquelas encontradas na Bahia, embora haja o registro de que ordens precisas foram expedidas pelo presidente desta província (Doc. MN, RA3/D3, 23/12/1853, p. 113).

No Diário de Pernambuco do dia 30 de setembro de 1853 foi publicada uma matéria intitulada “Um fóssil” referente à descoberta de grandes ossadas fósseis em Quixeramobim e em [Ara]ripina, na província do Ceará. As ossadas de [Ara]ripina teriam sido descobertas pelos moradores da região quando escavavam a procura de água potável e, embora algumas partes já tivessem sido extraviadas as maiores ainda se encontravam lá (Diário de Pernambuco, 30/09/1853, p. 2). A par da matéria, Burlamaque solicitou ao imperador a expedição das ordens necessárias para a coleta do referido material, acrescentando desta vez que lhe fossem enviados sobretudo os crânios (Doc. MN, RA3/D3, 15/10/1853, p. 107). De caráter didático esta instrução visava evitar a remessa de material incompleto e, portanto, não suscetível à classificação, como havia ocorrido alguns anos antes com a remessa feita por João Nepomuceno Machado. Apesar das precauções as remessas não chegaram ao museu. Posteriormente, Thomaz Pompeo de Souza Brasil relatou esta e outras ocorrências encaminhadas ao museu (Brasil, 1997).

Como diretor da 3ª seção, Burlamaque se encarregava da análise e classificação dos diversos fósseis, rochas e minerais da coleção, além de responder às solicitações de esclarecimentos acerca da natureza e utilidade de amostras geognósticas. Com um acervo em constante crescimento o ano de 1853 foi dedicado, sobretudo, à revisão e classificação das amostras de minerais e rochas coletadas no Rio Grande do Sul e no Uruguai pelo naturalista prussiano Frederich Sellow (1789–1831) e às coleções de fósseis que já se encontravam no museu (Doc. MN, RA3/D3, 24/01/1854, p. 116-116v).

No ano seguinte a Escola Militar adquiriu para fins educacionais três coleções aparentemente importantes de fósseis, rochas e minerais (Doc. MN, RA3/D3, 27/01/1854, p. 117v-118). A par da nova aquisição e tendo enviado cinco anos antes à mesma instituição uma grande coleção geológica para fins idênticos, Burlamaque requisitou do imperador autorização do ministro da guerra para retirar, a sua escolha, exemplares duplicados que pudessem enriquecer o acervo do museu. Não se sabe, contudo, se a retirada foi autorizada.

Em junho chegaram ao museu mais duas remessas. Encaminhado pelo presidente da província do Ceará, procedente de Baturité, chegou (Doc. MN, RA3/D3, 1854, p. 134v e 155v) um “caixote” com um fragmento fóssil de fêmur, um de rádio e outro de crânio que “por sua grandeza são dignos de atenção” e que, na visão de Burlamaque, eram fósseis incontestes de mastodonte ou, como chamou, “Elephante fóssil” (Burlamaque, 1855, p. 5). Além desses fragmentos chegou um saco de couro contendo ossadas encontradas no rio São Francisco, provavelmente na província de Minas Gerais, remetido por Henrique Halfeld (Doc. MN, RA3/D3, 28/06/1854, p. 134v e 155v), que trabalhou com minerações nessa província desde que chegara ao Brasil em 1825 (Figueirôa, 1997).

No mês de agosto Burlamaque recebeu um ofício encaminhado pelo dr. Marcos Antonio de Macedo, juiz de direito da comarca do Crato, no Ceará, ao presidente da mesma província, relatando a descoberta de peixes fósseis. Em seu ofício Macedo assinalou a grande abundância de ictiólitos na serra do Araripe onde está localizado o atual município do Crato, região reconhecida hoje pela sua riqueza fossilífera, e se colocou a disposição para remeter alguns exemplares ao museu que supunha carente deste tipo de acervo (Burlamaque, 1855). Interessado no material que de fato existia em pequeno núme-

ro no museu, Burlamaque prontamente requisitou do governo que se autorizasse a verba necessária para a extração dos peixes e outros fósseis encontrados na Vila do Jardim, achados paleontológicos “que os museus pagam hoje a peso de ouro” segundo suas próprias palavras (Doc. MN, RA3/D3, 01/08/1854, p. 137). Anexo a este ofício remeteu ainda instruções de pesquisa destinadas ao Sr. Macedo. Não obstante, como o ofício deste último havia sido enviado no mês anterior o governo já havia se ocupado em tomar as respectivas providências (Doc. MN, RA3/D3, 02/08/1854, p. 138).

Por motivos desconhecidos o caixote contendo os fósseis foi levado “por terra” em novembro ou dezembro pelo próprio Macedo até Sergipe, ficando aos cuidados do seu presidente. Contudo, terminado o primeiro semestre de 1855, o caixote não havia sido entregue ao museu. Preocupado com a mudança de capital em Sergipe, Burlamaque se dignou a reclamar do imperador a devida autorização de remessa (Doc. MN, RA3/D3, 11/07/1855, p. 177). Não obstante, somente em outubro, quase um ano depois, é que seriam enviados os fósseis divididos em 18 caixões (Doc. MN, RA4/D4, 20/10/1855, p.5v). Segundo Ferraz (1855, p. 79 e 1856, p. 67) o material foi de fato remetido, por ordens do governo, pelo agora ex-juiz de direito da comarca do Crato, Marcos Antonio de Macedo.

Ferraz (1854, p. 72 e 1855, p. 79) também fez duas menções à descoberta de ossadas fósseis num lugar denominado Caboclo na comarca da Boa Vista, província de Pernambuco. Enquanto a primeira refere-se à notícia do engenheiro Halfeld acerca da existência destes fósseis, a segunda refere-se às pesquisas para as quais foi encarregado João de Souza Reis, juiz de direito desta província, que inclusive enviou um ofício ao governo no dia 16 de outubro de 1854 confirmando a remessa de um caixão com os referidos fósseis. A remoção e condução das ossadas de fato fora autorizada pelo governo em aviso de 4 de abril de 1854, mas a ajuda orçamentária oferecida foi recusada pelo juiz (Doc. MN, RA4/D4, 23/04/1856, p. 25v). Apesar das assertivas, Burlamaque não encontrou vestígios do referido material no museu. Supondo encontrá-lo ainda em Pernambuco, requisitou do governo novo aviso ao presidente desta província solicitando o envio do caixão, ao qual anexou um ofício demandando esclarecimentos sobre o descaminho do mesmo (Doc. MN, RA4/D4, 08/05/1856, p. 26v). Dois meses depois chegou a resposta de Souza Reis assegurando

do-lhe a remessa e confirmando o recebimento do dito caixão e do ofício pelo seu correspondente na Bahia, Julio da Costa Chaztinet (Doc. MN, RA4/D4, 02/08/1856, p. 36v). Entretanto, não há menção de recebimento do referido caixão.

A última remessa a chegar ao museu em 1854 viria de Pão de Açúcar, província de Alagoas, contendo cinco pedaços de uma ossada fóssil descoberta também por Halfeld, a saber: dois fragmentos não identificados, um dente molar de um mastodonte, um incisivo inferior de rinoceronte e um pé dianteiro de um indivíduo do gênero *Equus* (Burlamaque, 1855, p. 14), extraídos a pedido do governo conforme relatório do ano de 1855 (Doc. MN, RA3/D3, 15/12/1854, p. 146v).

Em fins de janeiro de 1855 Burlamaque recebeu novas notícias de Alagoas, desta vez enviadas por Louis Jacques Brunet. Anexada a uma cópia do ofício do presidente desta província, chegou uma carta do referido naturalista em que dá seu parecer, a pedido do mesmo presidente, sobre fósseis descobertos na margem do rio São Francisco pelo juiz de direito da comarca de Penedo (Doc. MN, RA3/D3, 26/01/1855, p. 152v). Embora o material não conste nos registros de entrada do museu, uma nova remessa de Brunet chegaria dois meses depois. Encontrando-se então na Paraíba, o naturalista remeteu ao imperador “três volumes” que consistiam em amostras de madeiras e minerais, um artefato de penas e diversos fósseis sendo 23 ossos de quadrúpedes, três conchas e quatro fragmentos de ictiólitos que, não obstante, foram coletados também no Ceará e no Rio Grande do Norte. Chegando às mãos de vossa majestade, este não tardou a enviar as novas aquisições a Burlamaque para que fossem devidamente classificadas e expostas (Doc. MN, RA3/D3, 20/03/1855, p. 160). Os três exemplares malacológicos enviados por Brunet foram os primeiros moluscos brasileiros a integrarem o acervo do museu (Burlamaque, 1856, p. 19).

Nos meses seguintes o museu seria laureado com uma enorme quantidade de fósseis (Ferraz, 1856, p. 67). Descobertos na fazenda da Canção na vila de Monte Santo, província da Bahia, alguns exemplares foram alocados dentro de um caixão e enviados em junho ao museu pelo respectivo juiz de direito. Todavia, a maior remessa chegaria no mês seguinte. Tendo encontrado alguns ossos fósseis no povoado de Tanque da Aldeia, na província de Alagoas, José Vieira Rodrigues de Carvalho, juiz de direito da comarca do Penedo e encar-

regado de realizar a coleta, enviou ao presidente da mesma província um relatório expondo as atividades realizadas bem como as observações sobre o material coletado e desenhos “dos ossos mais notáveis” (Doc. MN, RA3/D3, 13/01/1855, p. 148v). Uma cópia deste relatório, anexada dos desenhos, chegaria às mãos de Burlamaque em 13 de janeiro. Passada uma semana, o diretor encaminhou um ofício ao governo acusando o recebimento da referida cópia e, apesar de reconhecer os esforços empreendidos por Carvalho, disse que este deveria limitar-se à coleta e ao envio dos fósseis ao museu uma vez que, para realizar uma classificação, era necessário determinado nível de estudos, além de material disponível para consulta (Doc. MN, RA3/D3, 22/01/1855, p. 149).

Apesar do aviso, em julho nenhuma remessa havia chegado ao museu. Burlamaque então requisitou do imperador ordens imediatas de encaminhamento dos referidos exemplares. A urgência do pedido, que foi prontamente atendido, justificava o medo da perda do material uma vez que o sr. Carvalho havia sido transferido para uma comarca do sul (Doc. MN, RA3/D3, 1855, p. 177). Antes de findo o mês de julho foi encaminhado ao Ministério da Marinha solicitação de remessa ao museu de 85 caixões provenientes de Alagoas que se encontravam a bordo da charrua Carioca, conforme pedidos do presidente desta província no dia 20 de junho (Doc. MN, RA3/D3, 1855, p. 179) e que dentro em pouco chegaram ao museu (Ferraz, 1856, p. 67).

Embora grande parte das remessas proviesse de províncias do Nordeste, sua totalidade não se resumia a elas. Ainda no mês de julho chegou ao conhecimento de Burlamaque a descoberta de ossadas fósseis em Santa Catarina. Apresentadas ao presidente da mesma por Luiz Porfírio Ramos de Azevedo, chegaram ordens do governo para serem transportadas gratuitamente até a corte pela empresa de um certo José Rodrigues Ferreira (Doc. MN, RA3/D3, 1855, p. 179). Sobre essa remessa, não há menção de que tenha sido recebida no museu.

Impossibilitado de realizar uma classificação precisa dos fósseis que chegavam ao museu – em proporções cada vez maiores – pela escassez de fontes de pesquisa, Burlamaque buscou a colaboração de especialistas estrangeiros. Com viagem marcada para a Europa, Guilherme Schüch Capanema (1824-1908), auxiliar da 3ª seção, ficou

encarregado de levar dois caixões contendo minerais e duplicatas de ossos fósseis e ictiólitos, além de alguns desenhos de exemplares únicos de grande importância. O material selecionado deveria ser utilizado como moeda de troca ou doação, conforme melhor conviesse a Capanema; todavia, as duplicatas juntamente com os desenhos deveriam ser devidamente examinadas e classificadas em gêneros e espécies. A solução encontrada se mostraria tão eficaz que, tendo recebido uma avultada quantidade de fósseis após a partida de Capanema, Burlamaque ainda contava enviar novas remessas à Europa (Doc. MN, RA4/D4, 1856, p. 11-13v).

Acúmulo de excrementos e de carcaças de pássaros com grande valor fertilizante, o guano, principalmente peruano, foi muito requisitado pela indústria agrícola européia no século XIX; com diversos depósitos, as ilhas de Chincha, nesse país, foram importantes reservatórios de guano. Em 1855, a secretaria do império enviou ao museu nove amostras de guano, além de uma remessa bastante incomum: um ovo “fóssil” “dos pássaros cujos excrementos deram origem a esses imensos depósitos que cobrem as mencionadas ilhas” (Doc. MN, RA4/D4, 1856, p. 11-13v). Esta remessa consiste na única aquisição internacional de possível material fossilífero ocorrida no período da gestão de Burlamaque.

Apesar da grande maioria das remessas paleontológicas consistirem em ossadas da megafauna pleistocênica e em ictiólitos doados por órgãos governamentais, excepcionalmente chegavam ao museu exemplares de vegetais fossilizados. Após a remessa do ovo “fóssil” peruano, chegou do Rio Grande do Sul um fragmento de vegetal petrificado doado pelo sr. José Thomaz de Oliveira Barboza (Doc. MN, RA4/D4, 1856, p. 11-13v), além de um saco contendo carvão mineral retirado da mina do Herval na província de São Pedro (Doc. MN, RA4/D4, 1856, p. 27).

Se a insuficiência de fontes de pesquisa era um empecilho ao estudo dos diversos fósseis que se encontravam no museu, a falta de espaço para alocar a crescente coleção era um sério problema que levou Burlamaque a fazer frequentes reclamações. Não obstante, inaugurada a década de 1860 somente duas remessas seriam acrescentadas ainda na sua gestão. Em 1860 chegou ao museu um fêmur de *Megatherium* encaminhado do Pará pelo sr. Manuel de Frias Vasconcellos (Doc. MN, RA4/D4, 1860, p. 154) e, um par de anos depois, um “caixão”

contendo alguns ossos enviados pelo presidente de Sergipe (Doc. MN, RA5/D5, 1862, p. 29-29v).

Ao todo, portanto, foram 19 anos de uma constante atuação em prol do crescimento da coleção paleontológica do Museu Nacional, proficuamente elaborada por Burlamaque.

#### 4 O RESULTADO DA CONTRIBUIÇÃO DE BURLAMAQUE

Reunido em um só departamento desde 1979, o acervo do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional abriga atualmente cerca de 70 mil itens entre fósseis, minerais, rochas e meteoritos. A coleção de material fóssilífero, possivelmente inaugurada por Sellow em 1826 (Fernandes *et al.*, 2007), aumentou consideravelmente durante a gestão de Burlamaque. Entre 1847 e 1866, período em que esteve à frente da diretoria do museu, foram registrados 27 pedidos e confirmações de remessa de material fóssilífero. Dentre estes pedidos, somente 17 remessas chegaram de fato ao museu, sendo 14 provenientes de localidades nordestinas (Tabela 1).

Exemplar (es)	Procedência	Data	Remetente
Um fêmur, uma vértebra cervical, uma cabeça de tibia	Propriá, SE	1848	João N. Machado
Fósseis de peixes	PE	1849	Min. da Guerra
Fósseis de mamíferos	Rio S. Francisco	1849	Presidente de SE
Parte da ossada de um mastodonte	Cachoeira Paulo Afonso, rio S. Francisco	1853	Henrique Halfeld
Ossadas fósseis	Pão de Açúcar, AL	1853	Henrique Halfeld
Três ossos fósseis	Baturité, CE	1854	Presidente do CE
Ossos fósseis	Rio S. Francisco	1854	Henrique Halfeld

Exemplar (es)	Procedência	Data	Remetente
Peixes fósseis	Crato, CE	1854	Marcos Macedo
Cinco pedaços de uma ossada fóssil	Pão de Açúcar, AL	1854	-
Ossos, conchas e peixes fósseis	PB; CE; RN	1855	Louis J. Brunet
Ossadas fósseis	Monte Santo, BA	1855	Juiz de Direito
85 caixões com ossos fósseis	Tanque da Aldeia, Penedo, Pão de Açúcar, AL; Crato, CE	1855	João Vieira Rodrigues de Carvalho
Peixes fósseis	Crato, CE	1855	Marcos Macedo
Ovo 'fóssil' de ave	I. Chincha, Peru	1855	-
Vegetal fóssil	RS	1855	José Barboza
Fêmur de megatério	PA	1859	M. Vasconcellos
Ossos fósseis	Propriá, SE	1862	Presidente de SE

**Tabela 1.** Lista do material recebido por Frederico Burlamaque no Museu Nacional entre 1847 e 1866. Fonte: livros de Registro de Avisos e Ofícios (RA) do Museu Nacional.

Correspondente à quase totalidade das remessas, o material coligido no Nordeste era também o mais volumoso. Embora não se tenha informações sobre as dimensões e a quantidade específica dos caixões remetidos, não se pode deduzir o número de exemplares fósseis ali contidos para menos de uma centena. As remessas restantes foram encaminhadas de localidades assaz distintas como as ilhas Chincha no Peru e localidades desconhecidas do Pará e do Rio Grande do Sul. Apesar da maior parte das remessas terem chegado ao museu, pouco mais de 1/3 delas não teve seu recebimento confirmado em nenhum dos documentos analisados (Tabela 2).



<b>Exemplar</b>	<b>Procedência</b>	<b>Data</b>	<b>Remetente</b>
Ossada de um mastodonte	Gramame, PB	1848	-
Coleção de fósseis	Paris	1848	Museu de História Natural de Paris
Ossadas fósseis	[Ara]ripina, PE	1853	-
Ossadas fósseis	Quixeramobim, PE	1853	-
Ossadas fósseis	Caldeirão, BA	1853	Presidente da BA
Ossadas fósseis	Caboclo, Boa Vista, PE	1854	João de Souza Reis
Ossadas fósseis	Tanque da Aldeia, Monte Santo, BA	1854	-
Duplicatas de fósseis vegetais e animais	-	1854	-
Ossos fósseis	Penedo, AL	1855	Louis J. Brunet
Ossadas fósseis	SC	1855	Luiz P. R. Azevedo

**Tabela 2.** Lista do material sem menção de recebimento no Museu Nacional entre 1847 e 1866. Fonte: livros de Registro de Avisos e Ofícios (RA) do Museu Nacional.

O acondicionamento inadequado dos exemplares, a deterioração e perda das etiquetas e relações originais, o encaminhamento a colégios para fins didáticos e o seu transporte ao final do século para as novas instalações do museu na Quinta da Boa Vista, certamente levaram à perda de muitas amostras e valiosas informações sobre os fósseis, resultando na acentuada deficiência de dados observada no atual livro de tombo da coleção de paleovertebrados. Destarte, não foi possível identificar o material coligido por Burlamaque no período de 1847 a 1866, embora a possibilidade destes exemplares encontrarem-se na instituição não deva ser de todo descartada.

## 5 CONCLUSÕES

A presença de fósseis na América portuguesa não era desconhecida no período anterior à atuação de Burlamaque, como comentou Maria Margaret Lopes em seus artigos sobre a história da paleontologia desde os tempos coloniais no Brasil (Lopes, 1999 e 2005). Entre os personagens luso-brasileiros, o destaque vai para Simão Pires Sardinha (1751-?), sargento-mór considerado hábil naturalista que, em 1785, examinou ossadas provenientes de uma escavação em Prados, na comarca do rio das Mortes na província de Minas Gerais, encaminhadas a Lisboa pelo governador da província e acompanhadas de uma breve descrição. Outras ossadas, assim como peixes “petrificados” provenientes da Chapada do Araripe, no Ceará, foram também remetidas por autoridades ou naturalistas luso-brasileiros, sem que os descrevessem em detalhe. Nas primeiras décadas do século XIX, naturalistas estrangeiros, principalmente europeus, também atuaram na coleta de fósseis que eram enviados aos seus países de origem, sem que, após a fundação do Museu Nacional, fossem doadas amostras para a nova instituição brasileira de história natural. Como exceção, ressalta-se a atuação de Frederich Sellow, naturalista prussiano pensionado pelo governo brasileiro, que remeteu ao museu exemplares de mamíferos coletados no Uruguai. Entre esses naturalistas estrangeiros são notórias as pesquisas paleontológicas realizadas pelo dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880) nas grutas de Minas Gerais, resultando em um grande número de espécies de mamíferos fósseis descritos. Tal acervo, entretanto, encontra-se em Copenhagen, na Dinamarca. Como reconhecimento pelas suas pesquisas paleontológicas no Brasil, Lund é conhecido como o “pai da paleontologia brasileira”.

Ao contrário de Lund, Burlamaque é pouco citado na historiografia paleontológica brasileira, apesar de terem partido dele “as primeiras iniciativas da consolidação das ciências paleontológicas realizadas por nacionais no país e no Museu Nacional” (Lopes, 1999, p. 151) que se iniciaram ao final da década de 1840. Numa atuação oposta a de Lund, Burlamaque não foi ao campo atrás de exemplares da megafauna pleistocênica, mas preocupou-se em localizar os fósseis descobertos nas distintas províncias nordestinas e obtê-los por meio de

correspondência com suas autoridades, legando a totalidade deste material ao Museu Nacional, formando um rico acervo representativo da paleontologia do Nordeste brasileiro.

Pela sua dedicação na formação da coleção paleontológica do Museu Nacional e estudo dos fósseis brasileiros com a publicação inédita do primeiro artigo sobre o tema em um periódico nacional, Frederico Leopoldo César Burlamaque pode ser considerado como o primeiro paleontólogo dessa instituição e do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro. À Silvia Ninita de Moura Estevão, do Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR), e Édson Vargas da Silva, da Biblioteca do Museu Nacional, pelo auxílio na pesquisa documental e disponibilização dos documentos e obras utilizados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEDIAGA, Begonha; DRUMMOND, Renato Pizarro. *Cronologia Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/publica/cronologia.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2010.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.
- BRASIL, Thomaz Pompeo de Souza. *Ensaio estatístico da província do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 (Fac-símile da edição publicada em 1863).
- BURLAMAQUE, Frederico Leopoldo César. Notícia acerca dos animaes de raças extinctas descobertos em vários pontos do Brasil. *Trabalhos da Sociedade Velloziana* (Bibliotheca Guanabarensis): 1-16, 1855.
- BURLAMAQUE, Frederico Leopoldo César. Notícia acerca dos animaes de raças extinctas descobertos em vários pontos do Brasil (2ª parte). *Trabalhos da Sociedade Velloziana* (Bibliotheca Guanabarensis): 17-21, 1856
- DANTAS, Mário André Trindade. Paleomastozoologia sergipana: a *Filosofia e História da Biologia*, v. 5, n. 2, p. 239-259, 2010.

- descoberta em Sítios Novos, Canhoba. *Revista de Geologia* **21** (2): 159-168, 2008.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da; HENRIQUES, Deise Dias Rêgo. Histórico da Paleontologia no Museu Nacional. *Anuário do Instituto de Geociências* **30** (1): 188-190, 2007.
- FERRAZ, Luiz Pedreira do Coutto. *Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa na segunda sessão da nona legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império Luiz Pedreira do Coutto Ferraz*. Rio de Janeiro: Typografia do Diário, de A. & L. Navarro, 1854.
- . *Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa na terceira sessão da nona legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império Luiz Pedreira do Coutto Ferraz*. Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1855.
- . *Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa na quarta sessão da nona legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império Luiz Pedreira do Coutto Ferraz*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1856.
- FIGUEIRÔA, Sílvia. *As ciências Geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- IGLESIAS, Dolores; MENEGHEZZI, Maria de Lourdes. Bibliografia e índice da Geologia do Brasil 1641-1940. Departamento Nacional da Produção Mineral, Geologia e Mineralogia, *Boletim* **204**: 62-63, 1959.
- INVENTÁRIO Frederico Leopoldo César Burlamaque. Acervo Judiciário do Arquivo Nacional, Juízo de órfãos e ausentes – ZN, 1866. n° 127, caixa 3765, 1866.
- KODAMA, Kaori. Os debates pelo fim do tráfico no periódico O Philantropo (1849-1852) e a formação do povo: doenças, raça e escravidão. *Revista Brasileira de História* **28** (56): 407-430, 2008.
- LAEMMERT, Eduardo; LAEMMERT, Henrique. (eds.) *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Côrte e Província do Rio de Janeiro para o anno de 1857*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1857.
- LAVÔR, João Conrado Niemeyer. *Histórico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1983.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e*

- as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- . Fósseis e museus no Brasil e Argentina: uma contribuição à história da Paleontologia na América Latina. *Lull* **22**: 145-164, 1999.
- . “Raras petrificações”: registros e considerações sobre os fósseis na América Portuguesa. Pp. 1-17, in: *Congresso Internacional Atlântico do Antigo Regime: poderes e sociedade, Actas*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica Tropical, 2005.
- MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Elogio histórico pronunciado perante S.M.I. em sessão d’Assembléia Geral da Sociedade auxiliadora da Indústria Nacional por ocasião do ato solemne de inauguração do busto do Conselheiro Frederico Ceazar Leopoldo Burlamaqui (etc., etc., etc.)*. Rio de Janeiro: Typografia da Indústria Nacional de Cotrim & Campos, 1866.
- NETTO, Ladislau. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional*. Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870.
- SIMPSON, George Gaylord; Paula Couto, Carlos de. The Mastodons of Brazil. *Bulletin of American Museum of Natural History* **112** (2): 1-65, 1957.